
I Encontro Estadual de Saberes Populares e Tradicionais em Saúde - Raízes-RJ

Aprendi com minha mãe e minha avó a buscar remédio na mata e passar para as crianças não perderem a tradição!



MEMÓRIAS



I Encontro Estadual de Saberes Populares e Tradicionais em
Saúde - Raízes-RJ

A Rede Estadual de Benzedeiras, Raizeiros, Mateiros e Pajés do Rio de Janeiro - RAÍZES-RJ, estimula a livre circulação deste texto. Sempre que for necessária a sua reprodução total ou parcial, solicitamos que o documento "Memórias do I Encontro Estadual de Saberes Populares e Tradicionais em Saúde" seja citado como fonte.

Coordenação editorial

Sandra Aparecida Padilha Magalhães Fraga
Márcia da Silva Pereira.

Sistematização

Ana Paula da Silva
Andréa Márcia de Oliveira Gomes
Annelise Caetano Fraga Fernandez
Graciela Pagliaro
Iranilde Silva Eró
Izabel Missagia de Mattos
Kelly Russo
Márcia da Silva Pereira
Pâmela Januário
Rachel de Las Casas
Sandra Aparecida Padilha Magalhães Fraga
Vera Lucia Lunardi
Yasmin Nasri

Revisão de texto

Suzane Durães

Ilustrações

Muriel Duarte
Raissa Theberge

Diagramação

Giuseppe Bandeira

E56m Encontro Estadual de Saberes Populares e Tradicionais em Saúde (1. : 2021 : Rio de Janeiro).
Memórias do I Encontro Estadual de Saberes Populares e Tradicionais em Saúde, 06 a 08 de junho de 2021 / Rio de Janeiro : Rede Estadual de Benzedeiras, Raizeiros, Mateiros e Pajés do Rio de Janeiro – RAÍZES-RJ, 2022.
42 p. : il. color.

ISBN: 978-65-00-61230-1

1. Saúde. 2. Saberes Tradicionais 3. Medicina Tradicional. 4. Relatório. I. Rede Estadual de Benzedeiras, Raizeiros, Mateiros e Pajés do Rio de Janeiro. II. Título.

615.53

CDD - 23.ed. –

SUMÁRIO

04	Apresentação
05	Sobre o encontro
06	Metodologia
07	Programação
08	Primeiro dia
14	Segundo dia
29	Terceiro dia
37	Carta política
40	Resultados
41	Desafios futuros

I Encontro Estadual de Saberes Populares e Tradicionais em Saúde - Rede Raízes - RJ. Evento virtual realizado entre os dias 06 e 08 de junho de 2021.

FICHA TÉCNICA

Coordenação: Sandra Aparecida Padilha Magalhães Fraga e Márcia da Silva Pereira.

Equipe de Sistematização: Ana Paula da Silva, Andréa Márcia de Oliveira Gomes, Annelise Caetano Fraga Fernandez, Graciela Pagliaro, Iranilde Silva Eró, Izabel Missagia de Mattos, Kelly Russo, Márcia da Silva Pereira, Pâmela Januário, Rachel de Las Casas, Sandra Apareci-

da Padilha Magalhães Fraga, Vera Lucia Lunardi, Yasmin Nasri.

Revisão: Suzane Durães.

Diagramação: Giuseppe Bandeira.

Ilustrações e facilitações gráficas: Muriel Duarte e Raissa Theberge.

Realização



Apoio



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Organização





APRESENTAÇÃO

Grupos culturalmente diferenciados, que se reconhecem como tradicionais, possuem formas próprias de organização social e ocupam territórios como condição necessária para sua produção e reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. Apesar de sua diversidade, os conhecimentos e inovações práticas - que se valem de recursos naturais dos territórios, de forma sustentável - têm em comum o fato de serem gerados e transmitidos com base na memória oral. Os transtornos da saúde física tais como os conhecemos, por sua vez, podem ser considerados, por estes grupos, manifestações associados a questões ambientais, sociais e/ou, principalmente, espirituais. As respostas terapêuticas aos transtornos se encontram também no campo dos recursos naturais, que ancestralmente vêm se configurando como medicinas de cura.

A utilização destes recursos, por vezes não reveláveis, geralmente acontece pela "prescrição" de uma autoridade que, ao longo do tempo, muitas vezes como herança geracional, coleciona um conjunto de conhecimentos e práticas que garantem a saúde do grupo. São conhecimentos valiosos, que vêm sendo estudados nos espaços acadêmicos, mas que em geral tendem a ser pouco considerados e até mesmo desrespeitados pelos profissionais de saúde que trabalham no cuidado destas populações - decorrendo disso a invisibilidade desses atores pelas políticas de saúde, bem como de suas práticas. Tais práticas costumam ser benéficas ao resolverem os problemas de saúde e promoverem o bem estar, sem outros efeitos indesejados.

O I Encontro Estadual de saberes populares e tradicionais em saúde objetiva dar visibilidade a estes cuidadores tradicionais, promovendo momentos de encontro com possível trocar experiências, mas principalmente criar narrativas sobre as práticas realizadas. Acredita-se que podemos começar o mapeamento e reconhecimento dos territórios com seus atores da saúde, lançando, assim, a Rede Estadual de Benzedeiras, Raizeiros, Mateiros e Pajés do Rio de Janeiro, que ao longo do tempo vai agregando representantes de quilombos, aldeias, assentamentos e acampamentos. A consolidação desta rede pode contribuir para a preservação dos conhecimentos, dos territórios, seus recursos e suas gentes. Na medida em que esses conhecimentos tradicionais e seus agentes passam a ganhar visibilidade e valor no meio acadêmico e junto aos profissionais de saúde, esperamos que sua circulação ocorra de forma respeitosa e profícua entre pesquisadores e profissionais de saúde.





O ENCONTRO

Foi com grande alegria que apresentamos este evento tão esperado e construído nos últimos dois anos. Reunir conhecedores populares e tradicionais com vistas a uma Rede Estadual é um sonho!

Inspiradas no 4º Grande Encontro de Raizeiras, Parteiras, Benzedeiras e Pajés na Chapada dos Veadeiros e encantadas pelo clima gerado na Chapada dos Veadeiros, encontramos, em um lindo caminho percorrido, pares de instituições públicas de formação e pesquisa. Raízes-RJ, assim, nasceu da confluência de distintas vozes e ideias coletivas.

Participaram deste projeto graduandos, pós-graduandos e profissionais de áreas diversas, como a antropologia, farmácia, medicina, psicologia, enfermagem e história. Somos estudantes e servidores, pesquisadores, professores e gestores de serviços públicos, que convidaram mestras e mestres da cultura popular, da ciência da cura do corpo e da alma - saberes que vem da ancestralidade e tradição cultural dos povos e comunidades tradicionais para ministrar e partilhar sobre seus saberes.

Somos apaixonados pela cultura e saberes do povo brasileiro. Estivemos juntos/as durante três dias e aqui apresentamos as coisas lindas que vimos e ouvimos no Encontro Raízes RJ.

Esperamos que gostem!

E assim convidamos a todos, todas e todes a refletir juntos!





METODOLOGIA

A tecitura da Rede Raízes RJ foi o resultado de uma construção coletiva que teve início em 2019, no contato entre pessoas sensíveis ao tema das práticas tradicionais de saúde. Algumas destas se encontraram dentro do Conselho Estadual dos Direitos Indígenas e sua Comissão de Saúde, outras pelos convites individuais que nasciam na identificação dos interesses, afetos e práticas em comum. Cada um foi entrando no tempo possível e desde o início considerou-se importante promover encontros com convidados ilustres no tema, que nos contassem a respeito de outras redes semelhantes e compartilhassem conosco as metodologias de construção delas.

A pandemia e a impossibilidade de encontro presencial, ao contrário do que se imaginava, não foi empecilho para a tecitura iniciada. Pelo contrário, fomos estimulados a nos reunirmos com mais frequência. Durante o ano de 2020 fizemos rodas de conversa virtuais quinzenalmente, o que possibilitou um preparo técnico e emocional para o evento que aconteceu em 2021, matéria deste relatório. No início de 2021, os encontros foram focando no evento, selecionando os temas importantes, capacitando os monitores que fizeram contato com os atores tradicionais por todo o estado e articulando com possíveis candidatos para as atividades do evento.

Considerando que um dos principais objetivos do Encontro foi discutir condições de diálogo, integrando políticas institucionais na formação de uma rede integrada nas unidades de saúde, com as parteiras, rezadeiras, benzedadeiras e demais detentores de saberes tradicionais orientados às práticas do cuidado em saúde, a metodologia cumpria ser participativa, com trocas de experiência e difusão de saberes de cuidado em saúde, considerando sempre que todos têm o que ensinar e aprender. O formato das atividades foi desde celebrações culturais, até oficinas, rodas de conversa, távolas e conferências.

Raízes-RJ



PROGRAMAÇÃO



Dia	Atividade
06/06	<ul style="list-style-type: none"> - Abertura - Atividade cultural - Benzimento do evento pelo povo de terreiro - Mãe Nilce de Iansã - Mesa de abertura <p style="text-align: center;">SES/UFRRJ/UFRJ/ACQUILERJ/RENAFRO/MST/CEDIND</p> <p>Representação dos indígenas/ do povo de terreiro e de assentamentos e acampamentos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conferência de Abertura <p style="text-align: center;">José Jorge de Carvalho (UnB)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Encontro de Saberes. Uma Aliança entre a Academia, o SUS e os Mestres e Mestras dos Saberes Tradicionais de Saúde e Cura
07/06	<p style="text-align: center;">Mística Indígena Pataxó Aldeia Cachoeira do Iriri</p> <p style="text-align: center;"><u>Rodas de conversa</u></p> <p>Roda de conversa 1: Práticas de conhecimento e reconhecimento de benzedeiras, rezadeiras, erveiras e mateiras: territórios e sociobiodiversidade</p> <p>Roda de conversa 2: Práticas de alimentação tradicional e saúde</p> <p>Roda de conversa 3: Saúde, adoecimento e cura e as Práticas de cuidado intercultural no SUS</p> <p style="text-align: center;">Oficina: Medicina da Floresta para Covid</p> <p style="text-align: center;">Távola 1 : Saúde, Saberes e Natureza</p>
08/06	<p style="text-align: center;">Mística Jongo Quilombolas de Marambaia</p> <p>Távola 2: Intercultural pra quem? Experiências de relações institucionais com terapeutas tradicionais no Chile e na Bolívia</p> <p><u>Roda de conversa 4: Cura e saúde: Roda de conversa de lideranças indígenas e quilombolas</u></p> <p>Roda de conversa 5: Africanidades: Conversa de barracão</p> <p style="text-align: center;">Lançamento da Rede Raízes-RJ</p> <p style="text-align: center;">Conferência de Encerramento Antônio Bispo dos Santos</p> <p style="text-align: center;">Colonização e a Resistência dos Saberes Tradicionais Leitura da carta política</p>

PRIMEIRO DIA - ABERTURA

Graciela Pagliaro (SES-RJ) abriu o evento com uma breve fala agradecimento e boas-vindas a todos, todas e todes. Pontuou o estado atual da saúde dos brasileiros baseado na Pesquisa Nacional de Saúde, IBGE 2019, ressaltou a necessidade de se valorizar outras formas de cuidado, assim, como a limitação do modelo biomédico de entender e curar as doenças. Falou também da interculturalidade como o desejo da Construção Coletiva de novos significados, na qual novas realidades são construídas sem que isso implique abandono das próprias tradições.

COMO ESTÁ A SAÚDE DE NOSSA POPULAÇÃO?

A saúde deste planeta encantado está muito ruim, em profunda crise. Com nós, seres humanos, não é diferente. Quanto mais crescemos as informações mais sabemos de como estamos adoecidos. Dados do IBGE de 2019 (PNS), revelam que, no Brasil, 52% das pessoas com mais de 18 anos são diagnosticadas ao menos com uma doença crônica. Isso significa dizer que mais da metade da população brasileira é dependente de algum remédio farmacológico. Nesse grupo etário, 10,2% têm depressão; 8,4 milhões de pessoas (5,3%) receberam diagnóstico de problemas cardíacos e alguma doença do coração e 2,6% (4,1 milhões de adultos), referiram diagnóstico médico de câncer no Brasil (em 2013, 1,8%).

O QUE ESTAMOS PRODUZINDO NO CAMPO DA SAÚDE?

Será que não está na hora de buscarmos outras formas de entender e cuidar da saúde? Será que nossos coletivos populares e tradicionais que sempre cuidaram e olharam para a saúde como algo que completa a subjetividade do existir não tem muito para ensinar e revelar a todos nós? Será que esse afastamento do mundo natural, das forças ocultas e invisíveis da natureza e dos Encantados das forças ocultas não são também responsáveis por essa crise global?

O modelo biomédico positivista retirou o homem de seu contexto cultural, social e psíquico. Passou a valorizar apenas o aspecto biológico das doenças e do funcionamento do corpo, colocando o sagrado e o subjetivo à margem na abordagem do paciente. A formação médica caminhou para a especialização extrema perdendo o olhar do todo, das conexões do corpo-espírito-mundo do homem como um todo.

E ONDE ESTÁ A ORIGEM DA DOENÇA?

Na biomedicina toda desordem, toda doença, precisa ser explicada, na interpretação de uma desordem corporal, biológica, já nas sociedades tradicionais faz-se sempre em referência às regras sociais, culturais; em poucas palavras, a uma organização social, religiosa ou simbólica específica.

Na biomedicina a doença é similar de um indivíduo para outro, qualquer que seja sua condição, e independentemente do contexto sociocultural no qual ela evolua. Nas sociedades tradicionais o tratamento visará mais a causa da doença (cosmológica ou social) que o sintoma ou a manifestação física desta.

Até que ponto não somos limitados e parciais ao entender e considerar a doença fora não só do contexto social e histórico coletivo ou individual, mas também fora das representações do mundo natural e das forças que o regem, da relação entre mundo humano, natural e sobrenatural?

Trabalhar com estas concepções é também responder ao princípio da integralidade e equidade do Sistema Único de Saúde (SUS). Integralidade porque assim estamos ofertando um cuidado para além do corpo físico e equidade porque fortalecemos populações vulnerabilizadas e geralmente negligenciadas pelas políticas públicas.

Também importante destacar a interculturalidade, considerando que:

No processo colonizador, a que o Brasil foi submetido, às relações foram assimétricas em termos de poder. Houve imposição do colonizador. Lutamos hoje por uma interculturalidade, na qual o diálogo respeitoso exista e que cada grupo cultural específico tenha a liberdade de dizer o que quer e o que não quer. Somos contra o congelamento de culturas, sem a liberdade de transitar entre elas.

Assim falaremos aqui de interculturalidade como o desejo da Construção Coletiva de novos significados, onde novas realidades são construídas sem que isso implique abandono das próprias tradições. Queremos crer que isto pode acontecer dentro do âmbito do SUS, pois são os profissionais da atenção primária que trabalham diretamente nos territórios, compreendendo as especificidades culturais de cada grupo populacional, aqueles que podem abrir o diálogo intercultural entre a biomedicina e os saberes tradicionais de saúde.

Assim, neste evento seremos ouvintes e aprendizes dos Saberes e Fazeres Populares e Tradicionais em Saúde acreditando que a construção de uma Rede desses atores pode fortalecer a potência cultural e a saúde dos povos em geral.



Convidamos a todas e todos para se encantarem com as memórias das távolas, das rodas e das conferências do nosso encontro!



BENZIMENTO MÃE NILCE DE IANSÃ

"Axé. Quero dizer que é com muito orgulho que estou aqui fazendo esse acolhimento que já é uma prática da nossa tradição de matriz africana. Eu quero saudar a todas, todos e todes em nome da minha ancestralidade, em nome de Ossain que é o orixá que cuida das folhas e das raízes, em nome de Oxóssi que o Grande Rei das Matas, em nome de Oxum e Iemanjá que são os orixás das águas. Quero saudar vocês todas em nome da minha mãe Iansã, dos ventos, dos trovões. Estou muito feliz de estar aqui e não posso deixar de saudar também Obaluaê, Omulu que é o nosso médico e também quero saudar o orixá Oxalá, que é ele que nos traz a paz e que nos une, já que estamos num momento de formação de uma rede, e a rede são vários elos. Não posso deixar aqui de fazer um cântico para vocês, um canto para Oxalá, pedindo realmente para que a gente caminhe juntos, é um canto que diz que uma andorinha só, não faz verão. Mas antes disso, eu quero saudar o dia de hoje, 06/06, é um dia muito importante para o povo do Camdoblé, o povo de matriz africana, é um dia que a gente saúda e pede prosperidade. mas nesse momento, eu vou pedir por saúde pelo dia de hoje e todos os dias. Não adianta ser próspero sem saúde."



[Clique aqui para ouvir o Canto](#)

MESA ABERTURA

A mesa de abertura contou com participações da ACQUILERJ, CENIND, MST, RENAFRO, SES - RJ, UFRRJ E UFRJ.

Ana Beatriz Nunes (ACQUILERJ) - Chamou a atenção para a ancestralidade quilombola e a necessidade de conhecer e partilhar os saberes sobre as ervas. Na sua opinião, é preciso disseminar os conhecimentos dos quilombolas associados às plantas nas áreas rurais e urbanas (ênfase à existência dos quilombos urbanos do Rio).

Carlos Tukano (CEDIND) - Colocou em pauta a saúde e as medicinas indígenas, além das dificuldades enfrentadas atualmente pelos povos originários em contexto urbano relacionadas à falta de vacinação contra a Covid-19 (as epidemias sempre assolaram essas populações desde o período colonial), e as doenças provocadas pela ingestão de alimentos industrializados (sal e açúcar). Por ser indígena e viver na cidade, Carlos Tukano enfatizou o descaso das instituições de saúde - da SESAI, particularmente - com relação aos povos indígenas que vivem em contexto urbano. É necessária visibilidade para essa parcela da população brasileira, historicamente marginalizada nas periferias das grandes metrópoles do país. Os pajés deveriam atuar nos hospitais e universidades (não atuam nesses espaços porque não têm diplomas, títulos de PhD).

Iranildes Silva (MST) - Ressalta o momento político e social da atualidade - as dificuldades vivenciadas com o grave desmonte de direitos e políticas. Reforma agrária, no olhar dessa importante liderança política, é tornar os territórios tradicionais, assentamentos e acampamentos livres e bons para se viver. A luta pela terra é uma luta contra o capital e a favor da natureza. Pensando nisso, o MST está fortalecendo os seus espaços de saúde - identificando seus mestres e mestras (ervas, benzimentos, remédios, raízes e sementes), organizando esses conhecimentos que orientam a alimentação de todos que vivem nos espaços do MST. A Rede Estadual de Cuidadores Tradicionais que está sendo criada com benzedoras, erva-de-são-pedro, raizeiras e mateiras pode contribuir para preservar esses saberes. Ela não deixou de chamar a atenção para os efeitos da epidemia e a continuidade da transmissão dos saberes ancestrais, inclusive das parteiras - muitos conhecedores estão morrendo. Por isso, hoje "vivemos em resistência", nesse momento de pandemia, somos acometidos por vários vírus, além da Covid, enfrentamos o vírus da violência, da fome. Ela diz que resgatar os conhecimentos é nos fortalecer física e mentalmente. Isso é uma luta diária. Para sermos livres em nossos territórios, devemos preservar os saberes e as pessoas que os detêm. Iranildes cita uma frase norteadora do MST: "A saúde é a capacidade de lutar por tudo que nos oprime"

Pai Renato (RENAFRO) - Lembrou que este é um momento de buscar a conservação da vida, além de ressaltar a importância do SUS na pandemia e dos profissionais de saúde - luta diária, dedicação de corpo e alma para nos salvar. Resistência! Ele tem esperança e disse que a fé nos permite vencer e crer no amanhã.

Roberto Rodrigues (UFRRJ) - Falou sobre o momento atual de instabilidade na saúde, nas instituições nos dias atuais. Para ele, as universidades precisam dialogar com os conhecimentos tradicionais - buscar novos caminhos para a saúde e para a tolerância. Resistir requer também respeito e entender as culturas e os conhecimentos populares. Finalizou a sua fala dizendo que a universidade tem que conviver com os conhecimentos científicos, mas também os populares, pois a universidade é pública, gratuita e aberta à toda sociedade. Todos pertencem à universidade.

Emerson Merhy (UFRJ) - Lembrou a representatividade dele e do reitor da UFRRJ e também da Fiocruz, UERJ e UNIRIO. Destacou a beleza dos patrimônios imateriais existentes no país e a necessidade de estes ocuparem a universidade e ali criar vida. Reconhece que a universidade precisa criar mecanismos de abertura para que os saberes populares e ancestrais ocupem esse espaço. Para ele, a universidade tem uma dívida com esses patrimônios imateriais. Esses patrimônios não são mercadorias, são potências de vida. Hoje, ele constata, a ciência oficial que pensa ser detentora do conhecimento é frágil e está em xeque. "Todo saber é um patrimônio coletivo". A rede Raízes RJ é uma potência.

Karen Athie (SES-RJ) - Falou sobre a responsabilidade do Estado fluminense, especialmente da SES, em abraçar a multiplicidade de saberes aqui existentes. Precisa-se trazer esses saberes para a cena da gestão, romper com a hegemonia da ciência oficial. Para ela, esse é um momento de reconstrução dos caminhos na área da saúde.



“

*A saúde é a
capacidade de lutar
por tudo que nos
oprime.*

”





CONFERÊNCIA DE ABERTURA

A conferência de abertura contou com a participação do Professor Titular de Antropologia da UnB, José Jorge de Carvalho, que iniciou sua fala fazendo uma crítica ao modelo acadêmico de formação dos profissionais de saúde, considerado já obsoleto. Cita o exemplo da formação dos 11.000 médicos que chegaram de Cuba e outros países, integrantes do programa Mais Médicos para o atendimento de localidades onde não havia a presença de médicos formados, onde se perde a oportunidade de um procedimento simples de mapeamento dos agentes locais reconhecidos por atenderem a população em caso de doenças e outras desordens. Ressaltou sobre a importância desta REDE Raízes RJ, onde se vê a articulação de quatro universidades públicas com o SUS, algo inédito no país. Sobre o reconhecimento de mestres e mestradas no estado do Rio de Janeiro, o professor lembrou que é preciso pressionar a ALERJ para formulação de legislação específica, já existente em estados como o Ceará. Ele compreende ainda que a rede Raízes também constitui uma rede de redes.

Defendeu a necessidade de sistematização dos saberes tradicionais a partir das contribuições de mestres e mestradas de origens diversificadas, de modo a produzir uma síntese ou sínteses a partir de concepções convergentes. Exemplo disso são os sistemas médicos orientais, já transformados em “escolas” no qual podem ser transmitidos, como a medicina ayurvédica, a chinesa, a tibetana, entre outras. A elaboração de um sistema amazônico, segundo ele, seria motivo de celebração em todo o mundo. O Encontro de Saberes, iniciativa iniciada na UnB em 2010 e já adotada em diferentes universidades brasileiras, tem sido um passo no sentido do mapeamento e organização desses conhecimentos tradicionais em sistema. Um dos aspectos considerados neste sistema é a concepção de um cosmos vivo, aliás compartilhado com conhecedores de diferentes tradições em todo o planeta. Outro aspecto seria a valorização da intuição. Essas concepções vão fortemente contra à epistemologia ocidental moderna, baseada numa ideia dualista fortemente antropocêntrica, que concebe o cosmos como “inerte”. Outras características importantes das práticas relatadas pelos 161 mestres e mestradas que já participaram ou participam do Encontro de Saberes, onde ensinaram para mais de mil estudantes citadas pelo autor: 1. A maneira em que o corpo tem sido acionado. Algumas vezes certas danças e cantos, por exemplo, são prescritos como parte dos tratamentos sincréticos. 2. A agência de plantas místicas, quando elas próprias são consideradas “pessoas”. (Sobre as plantas místicas, fez a ressalva que se há que contextualizar pois nem sempre são as mesmas plantas utilizadas em localidades diferentes).

Sintetizou um complexo “modelo de polimatia” para representar o acionamento de saberes e práticas de lideranças religiosas, composta por diversos elementos agrupados em círculo em torno dos atendimentos feitos pela liderança, com a forma de uma mandala, entre os quais se destacam em ordem horária: religião; filosofia; música; dança; canto; cenografia; educação; representação e mediação política, meio ambiente; botânica; farmácia; medicina/psicologia - sendo que nem todos os elementos listados estão presentes na agência de todas as lideranças. Importante lembrar que a iniciativa dos Encontros de Saberes ocorreu com o apoio e recursos do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) do CNPq, hoje inexistentes.



SEGUNDO DIA - MÍSTICA INDÍGENA PATAXÓ

A abertura do segundo dia (07/06) do encontro contou com mística indígena Pataxó, da Aldeia Cachoeira do Iriri, situada no município de Paraty - RJ, onde atualmente vivem em torno de 40 indígenas. Foi apresentado um vídeo intitulado "conscientização" em que o cacique da aldeia Pataxó Iriri, pede para todos ficarem atentos às medidas sanitárias para proteção na pandemia, dizendo que não se trata de cancelar os planos de turismo e educação, mas simplesmente de adiamento. Em seguida, agradeceu aos profissionais de saúde e a todos "empenhados na luta" contra a Covid-19, onde iniciou com uma oração na língua indígena, acompanhada por um coral de mulheres e homens adultos da aldeia. A oração foi dedicada a todos os vulneráveis à doença, sendo acompanhada de benzimento com fumaça.

Participaram ainda Carla Albuquerque, professora do Instituto de Saúde Coletiva da UNIRIO e o professor Luiz Pellon da Escola de Enfermagem da UNIRIO.



[Clique aqui para assistir a Mística Indígena](#)

RODA DE CONVERSA 1 - PRÁTICAS DO CONHECIMENTO E RECONHECIMENTO DE BENZEDEIRAS, REZADEIRAS, ERVEIRAS E MATEIRAS: TERRITÓRIOS E SOCIOBIODIVERSIDADE

Objetivos: A roda de conversa se propôs a dialogar com os agentes promotores do cuidado que exerçam o ofício de rezadeira, mateiras, erveiras e desenvolvam trabalhos voltados para a medicina dos saberes tradicionais em diversos espaços, auxiliando na produção da saúde integral e na preservação da cultura ancestral dos nossos antepassados, bem como contribuindo para gestão sustentável dos territórios e dos seus recursos.

A roda foi marcada por um sentimento de encontro e alegria dos presentes. Houve muita sinergia e troca de energias positivas. Chamou atenção a diversidade de trajetórias e trânsitos distintos entre academia e saberes tradicionais e também com as instituições de saúde e médicos. Professores, mestres e doutores relataram seu interesse e sensibilização para o tema dos saberes tradicionais e da cura e como suas pesquisas foram importantes para que se reconhecessem também como curadores ou pertencentes a uma rede de parentela e comunidade detentora desses saberes.

Com a facilitação de Sabrina Almeida (UFRRJ) e Geraldo Bastos (UFRJ), a Roda de Conversa teve a participação de 20 pessoas através da plataforma Zoom e outras 50 pessoas por meio do canal YouTube, interagindo ativamente no chat com comentários e questões aos participantes da roda.

Entre os 20 participantes da roda, registrou-se a presença de seis indígenas, sendo uma mulher, com experiências diversificadas. Três outras mulheres que integram a Rede Fitovida - que tem vinte anos de atuação, integrando experiências populares de saúde no município do Rio de Janeiro e outros municípios do Estado. Referências à Comissão Pastoral da Terra (CPT), com práticas relacionadas à saúde popular. Referência, por uma das participantes, à parceria com a Clínica da Família Ricardo Lucarelli, localizada no bairro do Estácio, cidade do Rio de Janeiro.

Duas perguntas disparadoras referenciaram a roda: "O que é cuidado para cada um? e, "Como é a relação que mantém com os profissionais da área da saúde?" Salientou a importância de escutar as experiências ricas de cada um.



PARTICIPANTES E DISCUSSÕES:

Alana Morgana - Sacerdotisa da União Wicca - fez referência à utilização de ervas e de orações. Salientou que as mulheres, as rezadeiras, sofrem resistências; "caça às bruxas". Apresentou uma mística inicial, fazendo uma oração à Mãe Terra, abrangendo todos os presentes, todas as linhas. Fez uma exaltação à Gaia, referindo que a natureza, os rios estão manchados pelo sangue dessa grande Mãe, responsabilidade dos que atualmente governam o país e os outros países. Concluiu com reverência a Mãe Terra: "Abençoada sejas, ó nutridora!".

Sabrina Almeida - Antropóloga, professora, pesquisadora sobre os povos, comunidades e seus conhecimentos e cuidados tradicionais. Estudo e conhecimento da Rede Pacari, do Cerrado, onde analisou a prática das raizeiras e seus cuidados com as pessoas, com as plantas e com o ambiente (doutorado). Reforçou sobre a importância que os cuidadores e as cuidadoras, dos mestres e mestras do ofício de cura têm para as comunidades e para o ambiente.

Geraldo Bastos - Doutorando UFRJ - pesquisa violência na Baixada Fluminense e intolerância religiosa. Neto, bisneto e filho de rezadeiras. Foi através desse conhecimento de saúde de seus antepassados que chegou até aqui, numa época que ainda não havia o SUS nas periferias e sim, rezadeiras para além das católicas; evangélicas, de matriz africana (candomblé e umbanda), ciganas, bruxas etc. Sua mãe era católica e rezadeira. Durante a sua apresentação fez referência à ementa da roda de conversa: "... se propõe a dialogar com agentes promotores do cuidado que exerçam o ofício de rezadeiras/ benzedoras/ erveiras/ mateiras, e desenvolvam trabalhos através da medicina e dos saberes tradicionais em comunidades e/ou espaços públicos e/ou privados, auxiliando na promoção da saúde integral e na preservação da cultura ancestral de nossos antepassados, bem como contribuindo para a gestão sustentável dos territórios e seus recursos".

Niara do Sol - Indígena; tem 73 anos. Começou a estudar sobre plantas e o corpo humano aos 3 anos e a trabalhar aos 9 anos. Desenvolve um trabalho na Clínica da Família Ricardo Lucarelli, às quintas-feiras. Coordena 37 crianças atuando junto à horta, plantas, flores, frutas, argilas, compotas, pães. Ressalta sobre a importância de trabalhar o corpo, a mente e o espírito. Reforça sobre a importância de pensar sobre o cuidado relacionados aos aspectos negligenciados do sistema de saúde convencional.

Dauá José da Silva- Etnia Puri - Trabalha como arte educador. Desenvolve trabalho de musicoterapia com cantos e literatura. Canta na língua Puri. Formação como Educador do Campo - UFV. Faz palestras em universidades e escolas públicas. Tem um trabalho junto ao Museu do Índio onde foram publicados 10 episódios sobre a cultura Puri e podem ser acessados no canal no YouTube Dauá Puri.

Sonia Pontes - Professora, educadora do serviço público (aposentada); geógrafa com um olhar para o território. Atua na mediação de conflitos (escuta ativa e empatia). Terapias integrativas, hoje trabalhando a respiração.

Mãe Ana - Adoné de Iemanjá, em Nova Iguaçu. Elogiou o evento e agradeceu a oportunidade de participação.

Déborah - Licenciada em Educação do Campo (UFRRJ). Práticas com plantas medicinais. Comunidade Campo Alegre. Também citou a Rede Fitovida, ativa há duas décadas (mais de 100 grupos com prática de uso de plantas medicinais - oficinas). Sob a perspectiva das relações com as instituições ou organizações de saúde, Débora e Sonia Martins descreveram a importância da Rede Fitovida, uma rede de cuidado e fitoterapia criada em articulação com a Pastoral da Terra e que funciona há cerca de vinte anos.

Miro Silva - indígena Guarani, Professor, filho de um Pajé e de uma parteira antiga. Irmãs continuam sendo parteiras. Formado em Sociologia (UFRRJ). Mestrando em Linguística (UFRJ). Pai grande, conhecedor da cultura Guarani - ervas medicinais; conhece mais de 400 plantas medicinais.

Itamara Silva - Assistente Social, mãe de Santo e rezadeira. Mora em Nova Iguaçu. Mestranda da UFRJ, no Instituto de Sociologia. Estuda sobre a violência dos terreiros. Acredita que o Terreiro lugar de produção de cuidado. Avó era rezadeira (aprendeu desde 13 anos). Utiliza muita erva, muito sol, sereno; avó sempre cuidando e morreu ainda bem ativa nos cuidados. Leva essa ancestralidade.

Valkíria Silva de Santana - Professora aposentada (História Social). Mora em Duque de Caxias. É Rezadeira. Atua em terreiro de umbanda, rezando pessoas e animais. A Mãe de Santo Valkíria descreveu seu trabalho de reza de pessoas e animais e segundo ela, os animais, assim como as pessoas também acumulam energias densas e precisam de cuidados espirituais.

Doté Genésio - Saudou a todos presentes e agradeceu por participar desse movimento, emocionante. Dona Palmira de Oyá, de Nilópolis, em 1989 apresentou o movimento de saúde no Candomblé. Genésio era enfermeiro (foi atingido). cursou Gestão Ambiental na Rural e também História. É da cidade de Queimados; trabalhou com anemia falciforme e mulheres negras. Defensor do atendimento à mulher. É cria de uma bisavó do interior. Ervas, etc. do Candomblé. Pós-graduado em História da África e trabalho sobre ervas e o vegetal. Fez Pós-Graduação pelo Instituto Pretos Novos e Santa Úrsula. Como branco, não tem lugar de fala, mas sempre se emociona. Importante o fazer. Perdeu o sogro e o pai de santo para a Covid-19. Recitou a seguinte frase: "um simples saião cura uma dor de cabeça! Tem que ser passado às pessoas, sem medo! Referências às raízes, que é o que vai ficar". Agradeceu a participação e reitera que, raiz é aquilo que nós deixaremos aos mais novos.

"Quem sabe mais é os hossos
mais velhos!"

Janete - Mestranda do Programa de Sociologia da EICOS. Iniciada no Candomblé há 24 anos. Agradeceu a participação e o momento de troca.

Vanderlei da Silva - Indígena (está junto com o Sr. Félix, no Espírito Santo). Mora em Maricá (Itaipuaçu). Félix tem muito mais conhecimento, com bastante idade. Disse que: "a gente aprende com a idade. Os mais velhos têm todo o conhecimento, experiência para contribuir e repassar para quem tem interesse!".

Giselane Figueiredo - Filha de assentada. Assistente Social. Acompanha há muitos anos a CPT. Atua com um coletivo de Mulheres e movimentos sociais. Neta de rezadeira, Juremeira da PB. Reforça sobre a importância em fortalecer ao evento para que a nossa história não seja apagada.

Ana Paula Melo - Filha de benzedeira. Doutoranda em Geografia na Universidade Federal de Goiás (UFG). Sua graduação e mestrado foram na Mestre pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) realizando pesquisa sobre benzedeiras. Seu trabalho de conclusão de curso foi sobre os ofícios das mulheres e suas importâncias dentro das comunidades que estão inseridas. Já no mestrado buscou fazer um paralelo entre as práticas africanas de cura utilizadas no período colonial e como essas práticas se manifestam ainda hoje no contexto da periferia em Pelotas, no Rio Grande do Sul.

Leandro UFF - Indígena Guarani. Professor intercultural de escola. Formado na UFMG (Matemática). Pesquisa sobre a cultura Guarani (importância dos nomes indígenas, que tem a ver com a natureza, comidas etc.).

Seu Félix - Indígena. Acredita que para ter saúde, é preciso ter a terra, a mata e o mundo. "E tudo vem de Nhanderu. Sem a terra não tem saúde. Falar de mata, de mundo, da terra é legal. É o principal, raiz de saúde, de futuro. De mata: como se usa e para que se usa. Natureza é o principal, construída por Deus. Mata, água, árvore, tudo em cima da terra. Sem terra não há nada! Deus quando criou a terra, criou a mata. Povo Guarani interessa muito a mata (Mata Atlântica). Guarani não derruba, não corta a mata. Mata é saúde! Você entra na mata já recebe o ventinho, já se cura! Mata dá saúde porque tem um cheiro muito bom! Tem flor e remédio, tem água, nascente, vertente, tem rio. Isso dá força, dá saúde, dá vontade! Mata tem remédio para muita coisa. Estou com várias idades porque estou usando remédio da mata, natural. Tem muita coisa, mas tem que saber usar. Povo Guarani hoje fica fraquinho porque não tem mata!".

Naira do Sol - Percebeu que era rezadeira no ventre. Foi sua mãe quem disse que era índia e filha de Pajé. Tratar o corpo, a mente e o espírito. Entrosamento de indígenas com a medicina tradicional. É abençoada porque sempre foi procurada para trabalhar junto. ALEGRIA de fazer trabalho conjunto com a Clínica da Família Ricardo Lucarelli. Mestre de Reike (Mestre de Mestres). Tem uma equipe de índios e não índios. Horta junto com médicas. Erva doce - medicinal. Sobre a apropriação indevida dos conhecimentos e saberes pelas empresas, academia, laboratórios?) pode diminuir, conscientizando as pessoas. "Deus é o grande provedor! Independente de ser isso ou aquilo, você é um ser humano. E se amando, você ama o outro".

Sonia Martins - Trabalha em áreas de assentamento, sobretudo em Campo Alegre. Desde 1984. Áreas muito afastadas, com pouca infraestrutura. "Mas, assentados têm acúmulo de saber extraordinário. Apesar do "não lugar", conseguem recriar a vida. Trazer pra centralidade a memória do uso das plantas medicinais. Memória dos ancestrais se ressignifica. Áreas que vivem o estrangulamento da violência, pela ausência do poder público. Tem que matar um boi por dia pra viver! Plantas medicinais têm importância ímpar, mas o povo tem que ter a garantia do serviço público de saúde. Também despertar pra consciência pra que se implemente no lugar a saúde pública.

Débora - Acredita ser importante o diálogo com o poder público e manter a característica de área rural. Aponta os seguintes desafios: da especulação imobiliária (entre Queimados e Cabuçu) e da reprodução do saber. Existe ainda muito preconceito com o uso de plantas, relacionado a terreiros Trazendo o cuidado, a prevenção.

Sonia Pontes - o que é cuidado? Não tem pretensão de definir. Está muito interligada ao próprio sentido da vida. Transversalidade. Cuidado está ligado à vida desde o início. Aprender a respirar... Cuidado de ser um estado de potência. Vivenciar a integralidade. Corporalidade, espacialidade, ritmo, algum movimento de vivenciar o estado de potência.

Dauá - foi criado com as ervas medicinais, tratamento das rezadeiras e benzedadeiras. Importância dos contadores de histórias para as crianças. Avó trabalhava como rezadeira em Paraíba do Sul. Divulgar através de histórias, de literatura, tenda da cura da UFV, Caratinga/MG, reunião de terapeutas - diversas articulações que estão acontecendo.



[Clique aqui e veja a Roda de Conversa 1](#)



*“Para ter saúde,
é preciso ter
a **terra**,
a **mata** e
o **mundo**”.*



RODA DE CONVERSA 2 - PRÁTICAS DE ALIMENTAÇÃO TRADICIONAL E SAÚDE

Objetivo: Encontro entre os portadores dos conhecimentos de cura tradicionais para dialogar acerca dos usos de plantas, benzimentos, dentre outros, no processo de busca pela saúde. Espaço para reflexão e troca de experiências e saberes dentre os cuidadores de povos e comunidades tradicionais. **Facilitadoras:** Mãe Nilce de Iansã (RENAFRO) e Rachel de Las Casas (ITERJ). **Mestras e Mestres Convidados:** Adão e Denise (Quilombo Tapera, Petrópolis), Bruno (Quilombo Fazenda Espírito Santo, Cabo Frio), João Mendonça Martins Filho (Guarani, Paraty) e Marilse Ricardo Piedade (Assentamento Terra Prometida, Duque de Caxias).

PARTICIPANTES E DISCUSSÕES:

Rachel de Las Casas (ITERJ) - Destaca que esse primeiro encontro é importantíssimo para ritualizar uma nova forma de fazer a Atenção à Saúde para populações tradicionais, que não conseguem ser acolhidos em sua pertença cultural, como lidam com o adoecer, e aqui estamos propondo uma escuta qualitativa, respeitosa, dessa população. Que as práticas de saúde de cada comunidade tradicional sejam acolhidas, valorizadas e incluídas às práticas integrativas em saúde.

Adão Cassiano (Quilombo Tapera) - Líder da Comunidade Quilombola da Tapera. O cuidado em saúde sempre foi feito com plantas medicinais da comunidade, cuidados pelos mais velhos, Sr. Jorge e Dona Tereza são curadores na comunidade. A rezadeira prepara seu sucessor(a), outra pessoa da família, para dar continuidade nos cuidados da comunidade, e quando está preparado, ela para de fazer as rezas e deixa esse cargo para esse mais jovem. Os remédios são preparados com as plantas cultivadas no horto do quilombo e as plantas colhidas na mata, com fortalecimento a partir de projeto da Fiocruz. E embora a Fiocruz tenha o conhecimento científico, prefere usar os conhecimentos dos seus mais velhos. Aconselha os profissionais, médicos, farmacêuticos a se reunirem com as lideranças quilombolas para usar esses conhecimentos dentro da comunidade.

Denise Barbosa (Quilombo Tapera, Petrópolis) - Diretora cultural do quilombo e liderança feminina. Relata a falta de médico quando esteve doente e o uso de plantas medicinais (quebra pedra e salsinha) indicadas pelo Seu Jorge, e rezada pela Dona Tereza. Relata cuidados para proteção da criança, das grávidas, com práticas dos mais antigos. Destaca que Dona Tereza possa cuidar com seus saberes na unidade de saúde.

- A relação com as plantas requer um cuidado, a serem colhidas mediante permissão da natureza, observando quando pronunciar o nome de determinada planta.

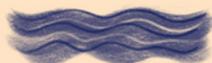
roda de conversa 2

PRÁTICAS DE ALIMENTAÇÃO TRADICIONAL E SAÚDE

Esse encontro ritualiza uma nova forma de fazer à atenção à saúde para povos tradicionais!



A cultura indígena GUARANI foca na PREVENÇÃO: que é uma responsabilidade de toda a comunidade.



TERREIROS são espaços de ACOLHIMENTO, e PROMOVE SAÚDE por meio de suas práticas, saberes e fazeres ancestrais.

meu vô contou pro meu pai
meu pai contou pra mim
vou contar pro meu filho
é assim, ninguém esquece

Kelé Maxacali

Cada quintal do QUILOMBO tem uma PLANTA pra cuidar da SAÚDE.



Que as práticas de saúde de cada comunidade sejam valorizadas e incluídas às PRÁTICAS INTEGRATIVAS EM SAÚDE NO SUS.

O conhecimento tradicional é uma MEMÓRIA VIVA: não está registrado em artigos e documentos, são narrativas que estão há gerações em uma comunidade.



boldo, ervã cidreira, quebra-pedra, chapéu-de-couro, espinheira-santa

NÃO PRECISA PROCURAR AS ERVAS: ELAS TE ACHAM, NASCEM ONDE PRECISAM SER USADAS.



Bruno (Quilombo Fazenda Espírito Santo, Cabo Frio) - Cada quintal do quilombo tem uma planta para cuidar da saúde, pois a distância do posto de saúde dificulta o acesso. Há um êxodo dos mais jovens para as cidades, e para manter a tradição, preservar suas raízes, requer um apoio da prefeitura para criar a Farmácia Popular com Medicamentos Tradicionais para não perder esses conhecimentos e apoiar as comunidades quilombolas na preservação do conhecimento e no cuidado à saúde das comunidades.

Adão Cassiano (Quilombo Tapera) - Líder da Comunidade Quilombola da Tapera. O cuidado em saúde sempre foi feito com plantas medicinais da comunidade, cuidados pelos mais velhos, Sr. Jorge e Dona Tereza são curadores na comunidade. A rezadeira prepara seu sucessor(a), outra pessoa da família, para dar continuidade nos cuidados da comunidade, e quando está preparado, ela para de fazer as rezas e deixa esse cargo para esse mais jovem. Os remédios são preparados com as plantas cultivadas no horto do quilombo e as plantas colhidas na mata, com fortalecimento a partir de projeto da Fiocruz. E embora a Fiocruz tenha o conhecimento científico, prefere usar os conhecimentos dos seus mais velhos. Aconselha a os profissionais, médicos, farmacêuticos, a se reunirem com as lideranças quilombolas para usar esses conhecimentos dentro da comunidade.

João Mendonça Martins Filho (Guarani, Paraty) - Na saúde é comum a prevenção, a vida cotidiana envolve práticas que promovem a prevenção e a manutenção da saúde, quando adoecem, são considerados os adoeceres espiritual e carnal. Somente o pajé pode cuidar do espiritual, busca-se ligação com a natureza, com a mãe terra, pois o ambiente da cidade adoece, O mundo é coletivo e a cidade é individual. O Distrito Sanitário Especial Indígena (DISEI/MS) reconhece a necessidade da intervenção do pajé, para se fazer a pajelança.

Marilse Ricardo Piedade (Assentamento Terra Prometida, Duque de Caxias) - Faz parte do setor de saúde do MST da Baixada. Possui experiência com as ervas, e diz que você não precisa procurar a erva, ela te procura, nasce onde precisa ser usada. Como cristã não faz benzimento, mas não esquece dos benefícios que teve e se precisar irá buscar novamente. Aconselha à equipe do SUS que para aproveitar do cuidado que está sendo usado nas comunidades, que busque conhecer e conversar para saber da vida, do histórico dos conhecedores locais. Em primeiro vem os fitoterápicos, as plantas medicinais, depois é que vem os médicos, e alerta que a erva pode fazer mal também. Fala com muita desenvoltura dos demais cuidados no uso das ervas respeitando o tempo para a planta fazer efeito, e ressalta o autocuidado, como o consumo de água e se respeitar o corpo.

Mãe Nilce de Iansã (RENAFRO) - Representa o povo de matriz africana, onde nasceu e vive. O terreiro é um espaço de acolhimento, de escuta e promoção da saúde, através de suas práticas, de seus fazeres, de seus saberes de cura, pelo uso das folhas, rituais, alimentação (canal da mãe Nilce no Youtube). A saúde é o principal motivo que leva uma pessoa a procurar cuidado, onde recebe escuta, acolhimento, orientação e encaminhamento, inclusive, para o SUS. "O cuidar nos terreiros" foi um vídeo preparado com o MS, para falar da DST/AIDS.

- A retirada das folhas na mata requer autorização de Ossain, Orixá das folhas sagradas.
- O saber deve ser respeitado; devem ser consultados os povos tradicionais, com respeito. O racismo, a intolerância religiosa, são determinantes sociais na saúde do povo de terreiro e demais povos tradicionais.



Meu avô contou para o meu pai, meu pai contou pra mim e eu vou contar para o meu filho. É assim, ninguém esquece.



RODA DE CONVERSA 3 - SAÚDE, ADOECIMENTO E CURA E AS PRÁTICAS DE CUIDADO INTERCULTURAL NO SUS

Objetivo: Promover a confluência entre atores originários do território (mestres da cultura tradicional, lideranças comunitárias) e aqueles que atuam nos mesmos (profissionais de saúde, gestores) a partir das experiências cotidianas de cuidado em saúde, para compartilhamento de conhecimentos, problematização de desafios atuais, com vistas a construir formas mais inclusivas de intervenção em saúde baseada nos saberes de povos e comunidades tradicionais, historicamente negligenciados pelos representantes dos processos colonizadores.

Facilitadores: André Luiz da Silva (SES-RJ doutorando IMS/UERJ) e Graciela Pagliaro (SES-RJ).



Pergunta de abertura:

Quais as dificuldades enfrentadas na articulação das práticas de saúde entre os povos tradicionais e o SUS?

PARTICIPANTES E DISCUSSÕES:

Arnaldo Lima (Pai Naldo) - Afirma que a troca de experiência valoriza os ensinamentos deixados por ancestrais e que existe a proposta de unir e repassar, dentro da comunidade local de rezadeiras e erveiras, as práticas de saúde que atualmente são conhecidas apenas pelos mais experientes e antes que estas sejam perdidas. O isolamento das populações, intensificado pela situação de pandemia enfrentada que tem levado muitos atores tradicionais a óbito, a fim de serem ensinadas a grupos compostos por jovens que irão dar continuidade às práticas.

Lucely Moraes (Quilombo em Mineiro, Goiás) - Relata a história de resistência da sua comunidade, hoje com 150 anos de existência, sobre a criação na década de 80 de um grupo de troca de saberes em parceria com a chegada da Pastoral das Crianças, a fim de criar xaropes para atender crianças fora do quilombo. O trabalho foi expandido em 2004 por iniciativa de uma prefeita que articulou a distribuição nas rotas dos ACS e ampliou o alcance dentro da cidade direcionando para àqueles moradores que precisassem de maior atenção das práticas de ervas. Esse trabalho foi encerrado em 2008 após aposentadoria da Lucely, porém estão em treinamento novas erveiras.

Denis Komoda - Médico na Aldeia do Bracuí, solicitou informações a respeito do início dos projetos de articulação de saúde entre as comunidades dos participantes e relata a dificuldade de saber o nome das ervas, composição dos medicamentos preparados e se são apenas cultivados ou colhidos localmente.

Cristina Reis - Médica de Saúde da Família e comunidade em Búzios, relata que a melhor abertura para aprendizado entre a comunidade quilombola que esta atende foi através do conhecimento da história local e escuta de cada pessoa e seus saberes. Conta da construção na UBS de um Consultório Verde, onde eram cultivadas com a comunidade ervas medicinais e atendidos alguns pacientes que se sentem mais confortáveis no local, incentivando o uso dessas práticas. Vinculação com o NASF para criar formas de resgatar a história local.

Cecílio Guarani (Aldeia Bracuí) - Foi Agente Comunitário de Saúde (ACS) na Aldeia onde reside em Angra, há 25 anos e atualmente é presidente da associação. Conhecendo a saúde através do seu trabalho como ACS, iniciou o curso técnico em enfermagem, na qual enriqueceu seus conhecimentos e criou pontes com os saberes da aldeia, aprendidos com os mais velhos, chamados "livros da aldeia". Mesmo antes dos estudos técnicos, ele já conhecia muitos procedimentos pelo ponto de vista da saúde tradicional indígena, como o trabalho de parto, antes dos estudos técnicos, pois sua mãe é parteira até os dias presentes aos 80 anos. Ressalta a necessidade de considerar ambos os conhecimentos, pois algumas doenças os "médicos da aldeia" ou pajés, em suas diversas especialidades, têm conhecimento prévio e podem prever o resultado do estado de saúde, como no caso de mortes. Em resposta aos questionamentos do Denis sobre a cultura de saúde local, diz que é necessário tempo para compreender o modo de pensar e agir, que não há o costume de plantar e produzir ervas em seu próprio território, pois os recursos da mata são suficientes, e ressalta a necessidade de preservação e consumo consciente dos recursos, como é feito pela aldeia. A saúde Guarani é extremamente ligada ao espírito e por isso muitas vezes certas informações são guardadas.

Elizabeth Fernandes (Quilombo de Baía Formosa, Búzios) - Relata que foi presidente da associação, que atualmente ainda faz uso de plantas medicinais exploradas em forma de chás, temperos, xaropes, uso tópico e que sua educação foi enriquecida por cursos ministrados pela Fiocruz. Conta da luta para preservação do Rio Una realizada principalmente pelos dois quilombos da região e da importância para a vida de muitas plantas usadas em práticas tradicionais; da necessidade de envolvimento dos poderes municipais e estaduais para conservar esses conhecimentos.

Sugere catalogar cada planta utilizada e suas propriedades para exposição criando maiores vínculos na UBS local. Conta de um sítio geológico onde está sendo criado uma “roça” para cultivo de plantas medicinais para comunidade e expressa o desejo de alcançar povos além do quilombo, pois relata a perda de conhecimentos. Relata a vantagem de menores efeitos colaterais no uso de plantas ao invés de medicamentos industriais e que na atual pandemia de Covid foi utilizada de práticas alternativas com limão galego para tratamento de casos que não se agravaram ou necessitam de internação.

André Luiz - Pergunta qual a perspectiva do profissional de saúde sobre as dificuldades de articulação com as comunidades tradicionais?

Graciela Pagliaro - Relata que é delicado abrir mão da mentalidade científica acadêmica para ouvir, fechando a mentalidade ao longo da formação e impedindo a troca de saberes. Conta a experiência de ser desacreditada pelas suas equipes por desejar conhecer, em seu trabalho como médica da família na comunidade da Maré, os erveiros e benzedeiros locais que tratavam os pacientes.

André Luiz - Cita os retrocessos causados pelo racismo institucional e do contraste entre o sistema biomédico e a medicina tradicional, prejudicando a articulação dos serviços.

Luciene Lacerda - Sugere além da inclusão dos jovens nas práticas de saúde realizadas nas UBS, mas também convidar os mais velhos das comunidades, por serem os “livros”. Conta sua experiência como coordenadora residentes na saúde negra da comunidade, exercitando a escuta e aprendendo a dinâmica de saúde local. Relata que o SUS tem alguns métodos alternativos de saúde, como a acupuntura, uso de ervas como uma prática reconhecida, valorizando a cultura negra e indígena, ainda é apenas uma proposta. Relata a importância de conhecer e documentar a história, como em livretos para a comunidade, fortalece a cultura local e a necessidade de preservação e resistência aos ataques à mata. Sugere pensar em políticas que favoreçam trocas, fortalecimento do acesso à internet, permitindo a comunicação como prioridades do estado e município. Ressalta a necessidade de enfrentar o racismo institucional e ambiental que as comunidades passam, assim como incluir projetos de alimentação mais tradicionais e adequados à realidade dos povos.

Cassiana Rodrigues - Atuação com povos de áreas remanescentes e doutoranda em saúde da família. Como educadora popular relata a aproximação da saúde, mesmo fora de serviço. Não necessariamente estar em roda garante diálogo.

SAÚDE COM PERTINÊNCIA
CULTURAL



[Clique aqui e veja a Roda de Conversa 3](#)

Perguntas do Chat do Youtube:

Qual o conceito de "Práticas de cuidado". Quais os alcances desse termo para o SUS e quais os encontros/desencontros com em relação com "outros saberes"?

Arnaldo de Lima - Compartilhou sobre a articulação com o SUS e a divulgação dos serviços prestados pelas comunidades é o que fortalece as práticas, também onde a vivência tradicional se encontra com o saber biomédico.

-Mentalidades estreitas, mas também a captura do mercado. Imagina a problemática para a indústria farmacêutica?

Cecílio Guarani (Aldeia Bracuí) - Diz que é necessário levar os dois lados, pois não se pode ignorar os saberes científicos e nem os tradicionais. É muito comum na cultura de aldeias que primeiro se busque o pajé, explorando as opções locais antes de buscar o cuidado hospitalar. O próprio pajé cria os medicamentos, e não qualquer pessoa da aldeia, minimizando efeitos colaterais e com as instruções corretas do uso das ervas.

André Luiz - Existem vários tipos de conhecimentos que devem ser respeitados pelos profissionais. Perguntou:

-Acham possível pensar em trocas efetivas de saberes de saúde com um sistema de saúde que mais pretende o adoecimento e regulação do que saúde e emancipação de povos negros e indígenas? Seria possível pensar em outros caminhos para construções de práticas de cuidado emancipatórias.

Ana Paula Melo - Filha de benzedeira, estudou as práticas de benzedeiras em Pelotas, RS, onde os próprios profissionais recomendavam a benzedeira local. Relata que ainda existe discriminação com os saberes tradicionais, sugere diálogo com autoridades de saúde pois tanto a medicina tradicional quanto a convencional têm limitações.

Cristina Reis - Relatou a necessidade de não discriminar os pacientes e estar aberto para que eles possam ser sinceros a respeito das práticas e entender o sinergismo medicamentoso.

Graciela - Relata as limitações de uma entrevista de saúde voltada para prescrição, não para o sofrimento, buscando justificativa para intervenção limita a complementaridade dos saberes. Perguntou:

-Seria possível pensar em outros caminhos para construções de práticas de cuidado emancipatórias?

Graciela - Os esforços do Raízes são uma forma de acreditar e enriquecer a construção de vínculos nas práticas.

Considerações Finais:

- Necessidade de ouvir a todos os lados;
- Resistir a políticas medicalizadoras, criar vínculos locais e regionais, com maior periodicidade;
- Dados sobre a população e situação da saúde negra.

TÁVOLA 1 - SAÚDE, SABERES E NATUREZA

Raízes-RJ
I Encontro Estadual de Saberes Populares e Tradicionais em Saúde

TÁVOLA 1
SAÚDE, SABERES E NATUREZA

Célia Xakriabá (APIB)
Cleonice Pankararu (Aldeia Cinta Vermelha Jundiba)
José Ribamar Bessa Freire (UERJ)

Mediadora: Izabel Missagia de Mattos (UFRRJ)

07/06
17h às 18h30

Evento Online

Realização
UFRRJ, UERJ, UNIRIO, SUS, FAPERJ

Apoio
Ministério da Saúde, FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz

Organização
Síntese Eventos

Participaram: Célia Xakriabá (APIB), Cleonice Pankararu (Aldeia Cinta Vermelha Jundiba), José Ribamar Bessa Freire (Faculdade de Educação/Departamento de Estudos da Educação Inclusiva e Continuada (DEIC/UERJ).
Mediadora: Izabel Missagia de Mattos (PPGCS/UFRRJ).

Izabel M. de Mattos - Destacou a relevância da temática da mesa, “crucial para os povos e para o planeta, para o fortalecimento dos territórios e dos ambientes tão ameaçados nos dias atuais.

Célia Xacriabá - Inicialmente contextualizou a presença histórica dos Xacriabá (população atual de 10 mil pessoas) às margens do rio São Francisco, ressaltando a importância do Cerrado e suas conexões com diferentes atores que ali vivem. Ao falar da aridez do clima Semiárido, e cada vez mais árido” da região onde mora, implicitamente ela coloca em tela a destruição do Cerrado. Disse que o bioma “está mais seco do que nunca” e os impactos do desmatamento e das mudanças climáticas na vida dos seus povos e comunidades. A fala da professora e ativista centra na defesa dos territórios indígenas e o significado deste para a existência desses povos no mundo: “é todo um território que sustenta uma língua, a tradição; é o território que sustenta nossa semente; é o território que sustenta principalmente nossos conhecimentos”. De igual modo, a luta pelo território é pela ciência, porque não podemos fazer ciências com as mãos se não tivermos onde sustentar nossos pés, nossos corpos.

Cleonice Pankararu - Nossa saúde está conectada com a Mãe-Terra, destruí-la é como nos destruir também, adverte Cleonice Pankararu. Critica o atual modelo capitalista e desenvolvimentista, chama atenção para a sociedade da ganância "muito dinheiro" e a insensibilidade das pessoas "não tem sentimento pela vida". "A terra nos alimenta e nós vamos alimentar a terra. Esse ciclo é importante para gerar vida. A natureza é diversidade de seres e também o nosso sagrado. A sociedade brasileira é oca, vazia, definiu a liderança indígena. As epidemias são frutos da destruição. Nós já esperávamos a Covid-19 porque a mãe-terra e a natureza estão sendo agredidas. Precisamos viver em equilíbrio, partilhando com nossos parentes e amigos. Nossa ligação com a natureza é muito forte e nossa saúde depende da natureza sadia, da mata sadia. Temos coragem e força, estamos conectados à mãe natureza. Nossa luta é difícil, mas conseguiremos vencer".

José Bessa Freire (UERJ/UNIRIO) - Destaca os ataques do Governo Federal aos povos indígenas. Menciona a visita do presidente às comunidades indígenas de São Gabriel da Cachoeira (AM) e o fato deste ironizar os saberes tradicionais ao receitar chás indígenas "usados pelos índios Balaios" (povo inexistente) para combater a Covid-19 (colocou os conhecimentos tradicionais no mesmo nível da cloroquina). O professor, brevemente, contextualizou as recentes ações anti-indígenas do Estado brasileiro contra as populações originárias. Após, centrou sua fala na importância dos saberes indígenas (especialmente os relacionados às plantas) documentados por europeus nos primeiros séculos de colonização e no século XIX.

Nuvem de palavras:



[Clique aqui e veja a Távola 1](#)

ANCESTRALIDADE
MÃE-TERRA CURA
VIDA TERRITÓRIO
ORALIDADE DIÁLOGO DE SABERES INDÍGENA
SENTIMENTO NATUREZA
SAÚDE DECOLONIALIDADE

TERCEIRO DIA - MÍSTICA DJONGO QUILOMBOLAS DE MARAMBAIA

A mística quilombola se iniciou com um vídeo sem som; Rita e Magno, integrantes da Comunidade Remanescente do Quilombo da Ilha de Marambaia, dançavam jongo com muita leveza e beleza nas areias da praia da Ilha da Marambaia, situada nos municípios de Itaguaí e Mangaratiba (Rio de Janeiro). Assim que a dança terminou, Rita e Magno se apresentaram. Em seguida, uma bela roda de jongo se iniciou. As mulheres vestidas com longas e floridas saias rodadas, os homens com calças e blusas brancas. Estavam usando máscaras. Uma mulher iniciou o canto com uma vocalização que se tornou a seguinte estrofe do canto:

Minha avó me chamou para fazer a farinha
 Minha tia me chamou pra fazer a farinha
 Vamos todos farinhar
 Mas tinha um jongo no terreiro
 E eu deixei a farinha pra lá

Vou jogar minha rede para poder meu sustento
 pegar

Depois que pegar são vocês que vão limpar
 o balanço do mar

vou plantar nessa terra e amanhã vou colher

Vou plantar nessa terra e dividir com você

Batata assada, banana cozida

Tá lá na mesa

Essa é nossa comida

Assoviou Assoviou

O espia deu ordem e o pescador cercou

Fui no canavial

colher de pau se encheu

foi com aquele negro que tudo começou

uma linda princesa por ele se apaixonou

uai uai uai uou

Sou quilombo quilombola

Não gosto de pescar sozinho

quem quiser pescar comigo

to no zumbi ou to no sul(?)

Ah eu vou pra Marambaia

Eu vou agora

Estou muito feliz

Vou com Deus e Nossa Senhora

Muito obrigado

Espero ter agradado



[Clique aqui e veja a Mística](#)



TÁVOLA 2 - INTERCULTURAL PRA QUEM? EXPERIÊNCIAS DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS COM TERAPEUTAS TRADICIONAIS NO CHILE E NA BOLÍVIA



Coordenação: Luiz Henrique Chad Pellon (UNIRIO).

Mediador: Renato Monteiro Athias (UFPE).

Conferencistas: Elisabet Alicia Raiman Antil (Hospital Intercultural Kallvu Llanka, Chile), Oscar Allaire Cuevas (Ministerio de la Salud/Chile), Viviane Camacho (Bolívia).

Luiz Henrique Chad Pellon (UNIRIO) - Ressalta que quando se fala de interculturalidade, a gente vê experiências muito pontuais de interlocuções entre profissionais da saúde e as comunidades tradicionais. Ao perguntar "intercultural pra quem?", visamos refletir sobre a potencialidade dessa relação intercultural: cada parte vai refletir sobre limites e potencialidades nessa relação com as comunidades tradicionais para consolidar as iniciativas já existentes, mas, principalmente, ampliar essa rede.

Oscar Allaire Cuevas (Ministerio de la Salud/Chile) - Fatores de proteção para o povo Mapuche - manutenção e prática da ritualidade. Autocuidado em saúde de conhecimento ancestral Mapuche / cuidado ancestral das mulheres / estilo parental de meninas e meninos em contato com a natureza de acordo com os modelos de protocolos criados em conjunto / laço estreito com a mãe e amamentação prolongada / valorização do diálogo e conversação com horários próprios da cultura Mapuche, porque as instituições estão acostumadas a fazer falas e se organizarem em uma estrutura de tempo muito mais rígidas. Foi importante reconhecer para construir horários mais referentes ao contexto da comunidade Mapuche. Apresenta as diferentes normas que deram a característica de interculturalidade aos serviços de saúde. Normativa 16: que instrui todas as secretarias da saúde a proteger os direitos de saúde das populações originárias. Entre as ações está a construção de instituições com o caráter intercultural.

Elisabet Alicia Raiman Antil (Hospital Intercultural Kallvu Llanka, Chile) - Começou a trabalhar em 2011 como facilitadora intercultural no hospital. Sua função era de traduzir, fazer o papel de intérprete entre famílias originárias e a equipe do Hospital. Mas, no cotidiano, foi descobrindo que existia muitos outros trabalhos que poderiam ser feitos nessa relação da comunidade com a equipe de saúde.

- A questão da saúde mental também era outro tema de interesse para a comunidade.
- É muito complexa essa relação: são comuns os conflitos entre equipe médica, profissionais e a comunidade. Muitas vezes as equipes precisam mudar. Mas a comunidade Mapuche possui uma pedagogia já elaborada, que auxilia nessa formação/sensibilização dos profissionais de saúde para essa relação intercultural.

Renato Monteiro Athias (UFPE) - Ressaltou a pertinência das falas e apresentações. Para ele, a separação entre saber biológico e o saber relacionado a temáticas muito específicos da saúde não existe para as comunidades indígenas. "É a pessoa humana o centro, no sentido que as substâncias que estão em nosso corpo estão ativas, elas fazem parte da essência da humanidade, são forças que estão equilibradas dentro do corpo".

- Várias noções que são interessantes destacar para discutir: o corpo humano é central nessa discussão e a atuação dos mates, das ervas, dos especialistas e terapeutas tradicionais indígenas e a atuação de um profissional de saúde da biomedicina vai ter um corpo como central. Qual é o lugar do corpo nessa relação intercultural?

Havia demanda do tema da placenta: o que seria feito com a placenta? Antigamente os bebês nasciam na comunidade e as placentas eram enterradas. Nos hospitais são incinerados, então era muito violento para as mulheres, porque é parte de seu corpo, do corpo das mulheres. Então foi criado um protocolo das placentas.



[Clique aqui e veja a Távola 2](#)

RODA DE CONVERSA 4 - CURA E SAÚDE: RODA DE CONVERSA DE LIDERANÇAS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS

roda de conversa 4 CURA E SAÚDE RODA DE CONVERSA DE LIDERANÇAS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS

Precisamos de uma **EDUCAÇÃO DIFERENCIADA** para o cuidado com a **SAÚDE** enquanto **PRÁTICA de VIDA TRADICIONAL!**

"Quem sabe mais é os nossos mais velhos!"

Tudo que a minha família precisa eu tenho no meu **QUINTAL**. Comida, remédio, sustento!

Toda comunidade tem a sua "Tia Nene", que sabe das plantas e dos chás. Isso é **PROTOCOLO** nas **COMUNIDADES!**

Sabedoria **GUARANI**:
ALIMENTAÇÃO É SAÚDE.
Comida simples, fresca e de verdade.



Toda planta é medicinal.
Ou se toma como chá, remédio, banho ou serve para defumar

Também é importante **APRENDER à REZAR.**
Com fé, uma gota d'água é **REMÉDIO!**



*BUSCAMOS que nossas práticas possam tecer **REDES de CUIDADOS** coletivos e comunitários. É preciso muita **RESISTÊNCIA e RESILIÊNCIA** para recuperar **NOSSOS SABERES, FAZERES e ROÇADOS.***

Aprendi com minha mãe e minha avó a buscar remédio na mata e passar para as crianças não perderem a tradição!



Objetivo: A proposição inicial para essa roda de conversa foi compor um espaço de compartilhamento de percepções e vivências de diferentes lideranças sobre o cuidado em saúde em suas comunidades e territórios. São temas disparadores: as cosmologias sobre saúde que as comunidades trazem, seus saberes de cura e saúde e a importância no combate a Covid-19; as perspectivas das gerações mais jovens em respeito às sabedorias dos mais antigos no cuidado comunitário; as relações existentes entre os conhecimentos e práticas ancestrais e o que é vivenciado na assistência nas redes de atenção do SUS, da Secretaria de Saúde Indígena (SESAI) e outras inscritas na racionalidade biomédica, bem como outras questões que certamente emergiram na circulação das falas.

Facilitadoras: Luanda de Oliveira Lima (IFF/Fiocruz) e Carla Albuquerque (UNIRIO).

PARTICIPANTES E DISCUSSÕES:

Nino Verai, Cedind (Aldeia Araponga, Paraty. Vice Cacique e coordenador do Coral Guarani Mbya, atua como presidente da Comissão de Direitos Indígenas que não estão aldeados) - "Na nossa aldeia o nosso pajé é o Augustinho. Há cada ano a gente faz cerimonia do milho, o pajé trabalha com a comunidade, fazer a cerimônia do milho, do batismo. É muito importante esse trabalho do pajé, porque vem de antepassados, há muitas gerações, porque o milho é muito importante na cultura e na sabedoria do povo Guarani".

Luiza Natividade (Fazenda de Santa Rosa) - No meu quintal tem muitas plantas de onde eu tiro tudo o que a gente precisa aqui. Há anos que venho cuidando, cuidando sempre das plantas medicinais. O que eu preciso ou o que a minha família precisa. O pessoal mais jovem me procura porque sabe que eu tenho as plantas dentro de meu quintal, tanto os mais jovens, quanto os mais idosos também.

João Mendonça (Aldeia Rio Pequeno) - Compartilhou sobre a importância do processo de demarcação e de luta no Rio Pequeno.

Cida do Quilombo - "Vou falar um pouquinho sobre erva, que eu aprendi de minha avó, que aprendeu da mãe dela também. Levavam a gente na mata para conhecer os remédios. A gente usa e ensina muito hoje para outras pessoas e para as crianças".

Edson Jorge - "Sou mais conhecido como Pai Le de Obumja, 59 anos de raspado de Santo. Tenho sangue de quilombola na veia, sou muito ligado as raízes e as tradições. Além do Candomblé, sou teólogo. Procuo exercer tudo da medicina de acordo com as minhas raízes e minha espiritualidade".

Ronaldo Santos (Quilombo Campinho da Independência) - "Nossa vida é dedicada a luta de nosso povo. A gente faz o debate sobre educação diferenciada no fórum da educação escolar diferenciada (caiçara, indígena, quilombola). A educação quilombola, a educação escolar diferenciada... Educação é o debate que eu faço mais cotidianamente, e eu acho que esse debate não descola com o debate da saúde. Porque a gente precisa falar de uma educação que contribua para que a comunidade tenha uma vida saudável, enquanto prática de vida tradicional, aprender com os mais velhos, discutir tudo isso com os sistemas públicos de ensino e de saúde. É desafiador porque toda a pressão que está sendo colocado para retirar tudo o que a gente tem, tudo o que a gente sabe, então é preciso ter muita resistência, muita resiliência para recuperar, resgatar os nossos saberes, nossos fazeres, nossos roçados".



[Clique aqui e veja a Roda de Conversa 4](#)



A cada ano a gente faz a cerimônia do batismo do milho, porque o milho é muito importante na cultura e na sabedoria do povo Guarani.



RODA DE CONVERSA 5 - CURA E SAÚDE: RODA DE CONVERSA DE LIDERANÇAS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS

roda de conversa 5

AFRICANIDADES: CONVERSA DE BARRACÃO

SAÚDE é mais que só cuidar do CORPO. Tem que cuidar do ESPÍRITO também!

É fundamental buscar espaços de DIÁLOGO e intercâmbio entre os SABERES TRADICIONAIS e ACADÊMICOS !

Antes dos SUS, o atendimento a saúde das comunidades era nos TERREIROS. Em muitos lugares ainda é!

Não existe saber maior que o outro. Existem SABERES COMPLEMENTARES !

JUNTOS pela busca do BEM COMUM e por uma sociedade diferente!

Tem coisa que a ciência cartesiana NÃO dá conta de explicar... Aí entram as ervas, os oráculos, os guias, banhos, chás e rezos ...

"Vacina no braço, comida na mesa e a força da fé para todos!"

A UNIÃO da CIÊNCIA e da ESPIRITUALIDADE é o caminho para a SAÚDE física, emocional e espiritual

raízes RJ

PAINEL GRÁFICO RAISSA THEBERGE

Objetivo: Estimular e promover a integração dos saberes de povos de terreiro e serviços de saúde na Atenção Primária, no campo da saúde, adoecimento e cura, destacando os terreiros como espaços privilegiados para promoção da saúde nos diferentes territórios.

Facilitadores: Babalawô Ivanir dos Santos (Centro de Articulação Popular - CEAP) e Pai Renato (RENAFRO).

Ivanir dos Santos - "Existem muito mais coisas do que o atendimento da medicina de uma forma cartesiana, como se não tivessem na espiritualidade das pessoas. O terreiro realiza um atendimento mais global. Antes de fazer uns exames, eles fazem o que chamam de "limpar as vistas dos médicos, que é para o médico ver o que de fato esteja acontecendo. Outra prática que se resolve com os banhos de ervas. É uma energia de troca com a natureza. E o oráculo tem um peso fundamental. Como essas práticas milenares, que, com a visão ocidental acabou sendo renegada, demonizada, perseguida... às vezes numa família nasce uma criança que nascem com problemas de saúde, são levados ao médico e não encontram nada. Aí é indicado pela profissional de serviço doméstico a levar numa benzedeira ou num terreiro. Antigamente o SUS era no terreiro das comunidades pobres".

Pai Renato de Obaluaie - "Nós das comunidades tradicionais também temos os nossos saberes através das práticas que vem com os conhecimentos dos mais velhos. O saber tradicional do candomblé é baseado na prática, nos estudos e ebolarização do ser para a sua própria prática. O candomblé se constituiu nesses saberes, há anos, através das benzedadeiras, rezadeiras, com intuito de curar diversas doenças. É muito importante que todos se juntem na busca da comunhão de saberes, uma força se some a outra contra os males. Precisamos unir as formas de práticas através da ciência e da vacina, através da fé com as orações e cada um na sua prática em busca do bem comum para todos".

Gleyds Granden de Barros - Iniciada no Candomblé aos 3 anos de idade, por uma questão de saúde, atualmente tem 56 anos. A sua relação com a religião teve início devido a sua doença e a cura que se deu pela sua iniciação. Disse que passa por muitas situações de cura a partir das suas entidades e que é importante entender como as nossas ancestralidades atuam nas nossas vidas. A união da ciência com a espiritualidade é o correto para um trabalho da saúde física, mental e espiritual, permite alcançar o equilíbrio.

Genésio Pinto de Arruda Neto - Compartilhou sobre a importância de respeitar as pessoas mais velhas, disse que honra a sua bisavó (Dona Belinha de Iemanjá, que veio de Aracajú) e sua avó (Dona Jojô de Oyá), que foi parteira e a primeira enfermeira da sua cidade.

Pergunta: Que estratégias são possíveis de promover com relação a área da saúde e os povos dos terreiros?

Pai Renato respondeu - Que enxerga um caminho com essa prática através das palestras. Suscitar para as pessoas o interesse para os saberes e criar mais diálogos, fórum, chamar a população como um todo para enriquecer o diálogo.

Pai Ivanir respondeu - Que através da extensão sugere que os estudantes nas academias estudem os saberes dos terreiros, é um canal de troca de saberes. As práticas populares existem e têm força. A universidade pode utilizar as integrações como trocas de saberes.



[Clique aqui e veja a Roda de Conversa 5](#)



CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO: COLONIZAÇÃO E A RESISTÊNCIA DOS SABERES TRADICIONAIS - ANTÔNIO BISPO DO SANTOS

A conferência teve início com a leitura de um poema de Nêgo Bispo:

"Falo tagarelado, escrevo mal ortografado, canto desafinado, danço descompassado, só sei pintar borrando, meus desenhos são enviesados. Esse é o meu jeito. Não me mandem fazer direito. Eu não sou colonizado"

Bispo inicia relatando sobre a importância de sempre informar em suas falas o seu nascimento, em 1959, nascido e criado no Vale do Rio Berlenga, na comunidade chamada Pequizeiro, região hoje chamada Francinópolis, no Piauí.

"No reino animal todas as vidas nascem e seguem vivendo, sem doenças, sem epidemias ou doenças crônicas. Não existe no Reino animal o fato de alguns animais serem os pensadores pelos demais animais. Os seres humanos apesar de se considerarem o topo da cadeia alimentar, tão importantes, acima da natureza, são uma das poucas vidas que precisam de hospital, médicos, remédios sintéticos, não dão conta de cuidar da vida como um todo. Seres humanos, pensam desintegrado, segmentado. Aliás, não todos os seres humanos, mas uma parte desses seres humanos. Eu compreendo seres humanos, como aqueles que se sentem como a única, a mais importante espécie".

"Cuidar da vida é cuidar da saúde. Vida não é separada da saúde nem saúde da vida".

"O conceito da confluência fala para além da Interculturalidade, e como se fosse um movimento ou lei da natureza constante e que se responsabiliza pelo fortalecimento da vida na diversidade, a criação do diversal e não do universal e pode ser vista em todos reinos da vida. Nas matas, mas principalmente nas árvores frutíferas".

"Diferença entre confluência e compartilhamento, ambos importantes, mas são diferentes. O compartilhamento é a contribuição de uma vida com outra vida para que ambas se fortaleçam sem prejuízo para ninguém enquanto a confluência é o encontro dessas vidas fortalecidas para ampliar a trajetória dessas para fortalecer o ambiente e daí outras vidas".

"O Compartilhamento fortalece a vida num campo mais individualizada versus Confluências como o encontro de vidas fortalecidas para a melhoria do ambiente como um todo para que outros compartilhamentos sejam possíveis. As frutíferas são um bom exemplo, compartilham e influenciam".



[Clique aqui e veja o Encerramento do Encontro](#)

CARTA POLÍTICA

Nos dias 6, 7 e 8 de junho de 2021 estiveram reunidos virtualmente no Raízes-RJ: Encontro de Conhecimentos e Práticas de Cuidado das Comunidades Tradicionais, um público específico formado por detentores de saberes e práticas tradicionais em saúde, composto por raizeiras(os), benzedeiras(os), mateiras(os) e curadoras(es), representantes de grupos quilombolas, povos originários(Guarani e Pataxó), de terreiros de religiões de matrizes africanas (Umbanda e Candomblé), assentados e acampados rurais, com vínculos ancestrais a territórios do Rio de Janeiro e convidados de outros estados. Através dessa iniciativa, os organizadores acreditam ser possível dar início a um minucioso trabalho de mapeamento e reconhecimento dos territórios e seus atores da saúde, lançando a Rede Estadual de Benzedeiras, Raizeiros, Mateiros e Curadores do Rio de Janeiro.

Trata-se de uma iniciativa da Coordenação de Equidade em Saúde de Populações Específicas da Superintendência de Atenção Psicossocial e Populações em Situação de Vulnerabilidade da Secretaria de Estado de Saúde (SES-RJ), em parceria com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), com apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

A proposta encontra-se amplamente alicerçada em marcos regulatórios do SUS e no amplo debate internacional que deu origem aos tratados e convenções dos quais o Brasil é signatário e reiteram a equidade, a integralidade e a universalidade do cuidado como seus princípios dogmáticos a sulevar suas ações. Toma como base, portanto, a Carta de Alma Atta (1978), a Constituição Brasileira (1988), a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (1989), a Convenção sobre a Biodiversidade (1992), as Conferências Internacionais de Promoção da Saúde, o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (2000), a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos indígenas (2002), a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (2006), a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (2006), a Política Nacional do Desenvolvimento dos Povos e Comunidades Tradicionais (2007), a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (2009), Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010), a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta (2011), a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (2012), o Sistema Nacional do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (2015), as Conferências Internacionais de Promoção da Saúde e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis para 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).

Considerando tratar-se de conhecimentos e práticas que atravessaram séculos, passados de geração a geração pela tradição oral, resistindo às investidas hegemônicas da ciência, entende-se que a consolidação desta rede irá contribuir para a preservação destas constituições, produzindo práticas e discursos discriminatórios e excludentes ao longo da história. Dessa forma, o encontro se propôs a contribuir para fomentar o debate em torno de novos olhares sobre a atenção à saúde, partindo de marcos conceituais distintos que guardam entre si o objetivo comum de promover a melhoria do bem-estar individual e coletivo.

A valorização dos conhecimentos e protagonistas das práticas tradicionais busca alcançar abordagens indissociáveis da interface da saúde com os referenciais sociais, culturais, ambientais e espirituais presentes nos territórios, onde também se encontram os agentes das instituições de saúde do SUS, em diálogo nem sempre amistoso com estes referenciais.

Durante a fase preparatória do Encontro Raízes, foram realizados dezenas de encontros com especialistas, mestras e mestres dos saberes tradicionais de diferentes lugares do Brasil e da AbyaYala. Promoveu-se um ambiente de escuta e “confluência” para a construção de caminhos mais inclusivos e democráticos na atenção à saúde.

De acordo com dados do IBGE (PNS 2019), 52% da população brasileira acima de 18 anos tem pelo menos uma doença crônica, o que significa que mais da metade da população é fármaco-dependente. Sabe-se a relação das doenças crônicas com as condições do ambiente e estilos de vida.

Neste triste momento que atravessa a humanidade, com fortes repercussões no nosso país, vivemos uma crise civilizacional sem precedentes. A transmissibilidade de um vírus de grande potencial de disseminação tem exigido tomada de decisões políticas e governamentais voltadas à proteção das vidas. No entanto, a sujeição da vida e suas relações aos princípios de mercado, associadas ao negacionismo científico, à cosmofobia e à interferência do discurso moralizante dos corpos e comportamentos, têm influenciado as decisões que contribuem para o agravamento da situação de crise em diferentes aspectos.

Em nosso país, estamos próximos de alcançar meio milhão de mortos pela Covid-19. Neste contexto, em que a saúde deveria ocupar um espaço de centralidade e defesa da vida, a fome e a pobreza aumentam de modo exponencial, assim como o desprezo e o abandono dos grupos em situação de vulnerabilidade, das minorias, dos povos e comunidades tradicionais, dos excluídos do modelo de desenvolvimento capitalista. Associado a estes fatores, soma-se o avanço de forças contrárias à preservação do meio ambiente, com a expropriação de bens e recursos necessários à manutenção da vida desses povos em seus territórios. Como consequência, vemos deteriorar a qualidade do ar, do solo, das águas e do clima, seja do ponto de vista local, ou mais amplamente nos níveis regional e global.

Os povos tradicionais, entre os quais os representados neste Encontro, desenvolveram sistemas próprios de classificação e uso de espécies nativas com potencial ainda muito pouco conhecido pela ciência. Da mesma forma, a reprodução de suas práticas amparadas em conhecimentos acumulados ao longo dos séculos e que guardam íntimas relações com os ecossistemas locais também se encontram ameaçadas.

O Antropoceno - era geológica em que vivemos - caracteriza-se pelos profundos impactos planetários causados pelos humanos. Tendo iniciado há pelo menos 70 anos, o Antropoceno já é um dos períodos de maior ameaça a biodiversidade da Terra. Nada menos do que um milhão de espécies de animais e plantas estão ameaçadas de extinção, e muitas delas desaparecerão dentro de apenas algumas décadas.

Ainda que o Brasil esteja situado na periferia do desenvolvimento econômico, ocupamos atualmente um dos centros planetários capazes de fazer face ao enorme desafio do envolvimento ecológico, para a existência das gerações futuras. Por considerarem uma perspectiva ecossistêmica e integrada da saúde, os saberes tradicionais integram este desafio no sentido de reencontrar liberdade e emancipação para humanos e não humanos tão ameaçados no presente.

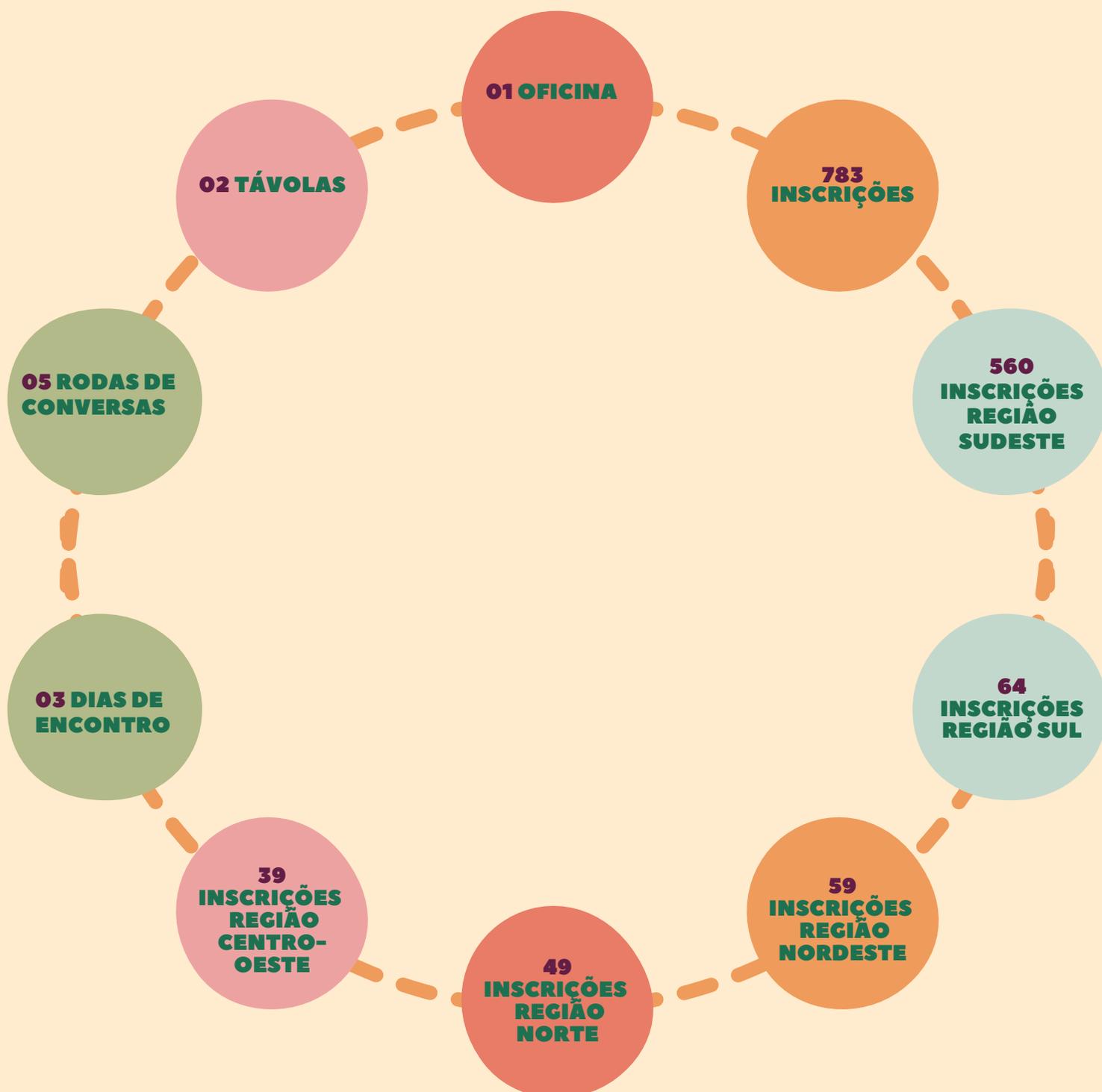
Ao longo do processo de constituição do Estado moderno, foi fácil depreciar esses povos e seus saberes acusando-os de folclorismo, entraves ao desenvolvimento, associando-os à imagem da pobreza, do atraso e do subdesenvolvimento. É preciso reconhecer ainda a influência do racismo científico em todas as instituições, produzindo práticas e discursos discriminatórios e excludentes ao longo da história.

Nos tempos atuais, estes saberes ganham outra linha de força, tornando-se potentes agentes de resposta a essa época, na medida em que a preservação de seus conhecimentos leva ao cuidado com os territórios e práticas de preservação ambiental. Após esse encontro, as instituições aqui representadas comprometem-se em contribuir para a construção desta rede que buscará meios efetivos para a divulgação e valorização desses conhecimentos. O retorno às comunidades guardiãs dos conhecimentos deve ser sempre considerado, já que as condições de possibilidade de transmissão desses saberes passa necessariamente pela defesa de seus territórios e de meios para sua sobrevivência e autodeterminação.

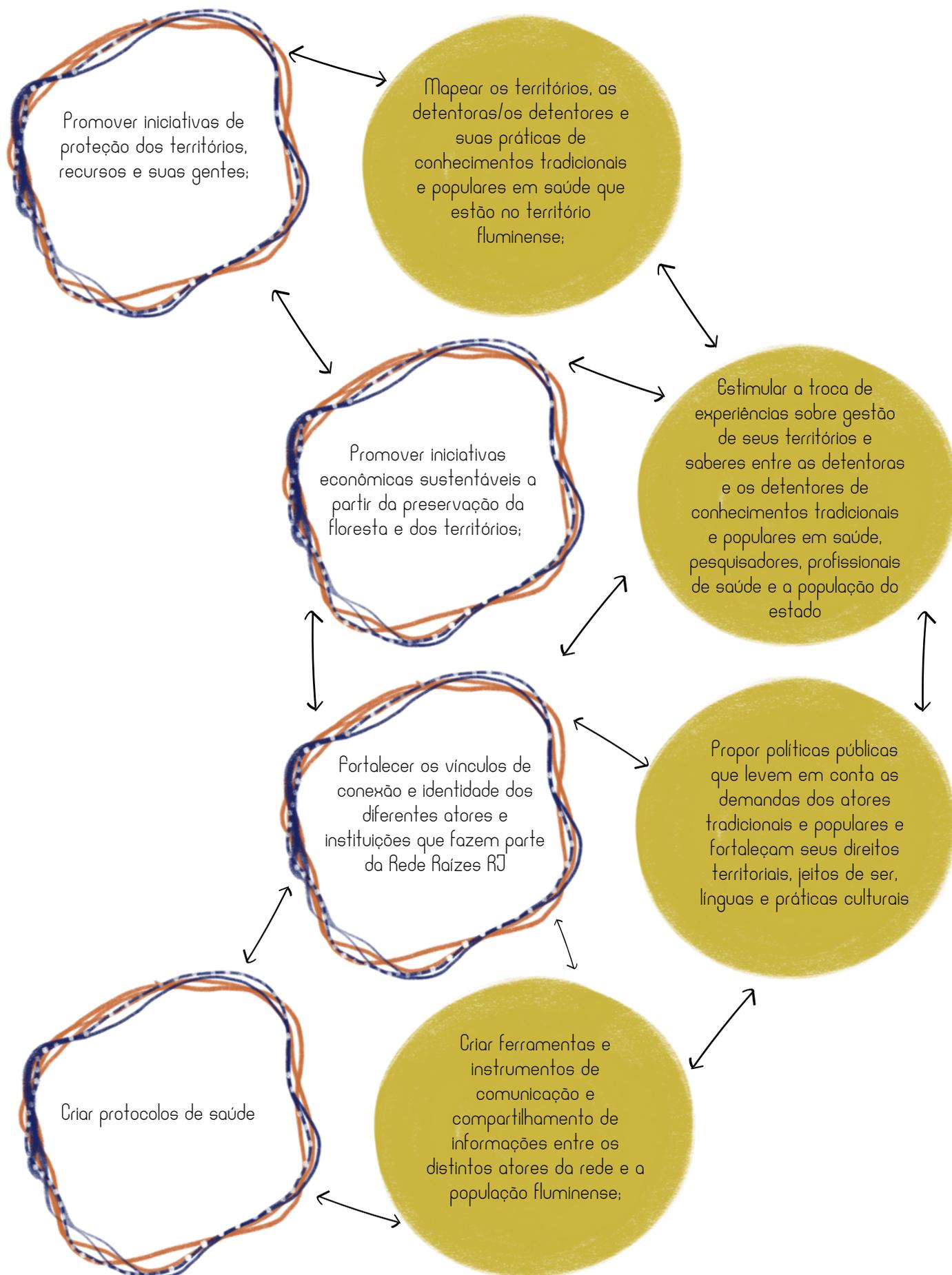
ANUNCIAMOS COM MUITA ALEGRIA E EMOÇÃO O LANÇAMENTO DA REDE ESTADUAL DE BENZEDEIRAS, RAIZEIROS, MATEIROS E CURADORES DO RIO DE JANEIRO.



RESULTADOS: O ENCONTRO EM NÚMEROS



COMO AÇÕES DE FUTURO, A REDE RAÍZES RJ PROPÕE:



LISTA DE SIGLAS

ACQUILERJ - ASSOCIAÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ACS - AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE
ALERJ - ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
APIB - ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL
CEAP - CENTRO DE ARTICULAÇÃO POPULAR
CEDIND - CONSELHO ESTADUAL DOS DIREITOS INDÍGENAS
CNPQ - CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO
DSEI - DISTRITO SANITÁRIO ESPECIAL INDÍGENA
EICOS/ UFRJ - PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL
FAPERJ - FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
INCT - INSTITUTOS NACIONAIS DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
ITERJ - INSTITUTO DE TERRAS E CARTOGRAFIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS SEM TERRA
ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
PNS - PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE
RENAFRO - REDE NACIONAL DE RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E SAÚDE
SES - SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE
SESAI - SECRETARIA ESPECIAL DE SAÚDE INDÍGENA
SUS - SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE
UBS - UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE
UERJ - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO
UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
UFG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UFMG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
UFPE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
UFPEL - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
UFV - UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
UNB - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Para saber mais informações acesse: www.raizes2021.sinteseeventos.com.br

Tem coisa que a ciência cartesiana NÃO dá conta de explicar... Aí entram as ervas, os oráculos, os guias, banhos, chás e rezos...

